Esperança sem otimismo

Luiz Marques

05/01/2026

Luiz Marques

“***O que seria uma vida interessante?”***

Contardo Calligaris



1.

As nações podem ser otimistas ou pessimistas, como as pessoas e as doutrinas políticas. Para o professor de literatura inglesa da Universidade de Oxford, Terry Eagleton, no ensaio *Esperança sem otimismo*: “Ao lado da Coreia do Norte, os Estados Unidos são um dos únicos países do mundo em que o otimismo é quase uma ideologia de Estado. Para amplos setores da população, ser otimista é ser patriota; o negativismo é um delito de opinião. Mesmo no momento de maior desespero, uma fantasia coletiva de onipotência e infinito assombra a consciência nacional”.

Compreende-se a receptividade ao apelo “*Make America Great Again*” (MAGA). O lema explora um sentimento profundo. Não partilhá-lo implica abdicar do genuíno patriotismo diante dos desafios da globalização. Não importa a responsabilidade criminal de Donald Trump no ataque golpista ao Capitólio, sob o pretexto falso de fraude eleitoral. Qualquer semelhança com os acontecimentos de Brasília, aliás, não é mera coincidência.

Diferentemente, no parecer de um mecenas da Semana da Arte Moderna de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo, a bússola de nossos afetos aponta para o pessimismo na *Terra brasilis*. A saga melancólica é uma herança do estilo português de colonizar, das etnias aqui mescladas, das atitudes daqueles que ocupam o território, dos gestos de desconfiança dos habitantes originais.

Tal é a tese do cafeicultor e escritor Paulo Prado, em *Retratos do Brasil*. Na epígrafe do livro, lê-se a maldição que corrói-nos a alma: “O japuru é a ave que simboliza o Brasil. Tem uma estatura avantajada, pernas grossas, asas fornidas e passa o dia com uma perna cruzada na outra, triste, triste, daquela austera e vil tristeza”.

O famoso quadro de Tarsila do Amaral, *Abopuru*, em tupi-guarani “homem que come gente”, evoca a descrição acima para explicar o Movimento Antropofágico e o método modernista de devorar e digerir influências culturais estrangeiras. Tem que metabolizar.

A indigestão das elites provoca o refluxo reprobatório e o ânimo moralista que desqualifica o país e os brasileiros, confinados em trabalhos braçais. Como lamenta o ditado, “Deus nos entregou uma natureza exuberante e um povinho preguiçoso”. O eco da escravidão – casa grande e senzala, mando e obediência – serve de ímã às imprecações dos de cima e às lágrimas dos de baixo.

O Norte é elogiado pela poderosa unidade espiritual (ética protestante) e o espírito empreendedor (economia da ganância). O Sul é um ajuntamento tribal dos órfãos de virtudes cívicas, com um pé na selva e uma mão no extrativismo. A descendência de colonos apáticos e submissos complementa o arrebatamento erótico e a ambição desenfreada pelo ouro das minas gerais.

O Narciso estadunidense exala o superotimismo dos EUA. Já o Malasartes verde-amarelo, ora preso, reitera o desabono à pátria-mãe com piadas e comentários vexatórios. “Chega de *mimimi*, bando de maricas”, exclama *la bête brésilienne* para afastar a melancolia paralisante com linguajar típico de rufião. O ódio à colônia é a marca a ferro na subjetividade bolsonarista, que remonta às hierarquias rígidas e perversas do período escravista.

2.

O otimismo peca pela ingenuidade e pela crença de que forças vulcânicas conspiram para tudo dar certo, porque assim querem os astros e os deuses. Em calhamaços de mais de mil páginas, se costuma prospectar Pasárgadas com a imagem suspensa de uma infância esvanecida. A ilusão alivia frustrações causadas pelo capitalismo e o neoliberalismo, sem atinar a sua superação.

“Pedimos àqueles que virão depois de nós, não gratidão por nossas vitórias, mas a lembrança das nossas derrotas”, reza uma vítima de circunstâncias trágicas para quem existir se apresentava insuportável. Trata-se da prece ao vento que sopra na tempestade, o consolo permitido em homenagem às gerações vencidas para sublimar as ausências doídas numa canção em *Lá Maior*.

Os sobreviventes mantêm acesa a memória para que a realização das promessas ainda adiadas torne factível o começo de uma época distinta. As lutas subsequentes honram a coragem dos caídos no campo de batalha, apunhalados pelos donos do poder. O sacrifício não cancela as ações e os pensamentos que anunciam a construção da nova sociedade, no horizonte todavia incerto.

A esperança une o desejo à perspectiva em uma práxis política transformadora, tece o *continuum* da história e promove a libertação social. A brevidade da existência está condensada em três lições de sabedoria: i) ser consciente do tanto que já se viveu no passado; ii) viver com intensidade e consciência o presente; (iii) preparar-se sem medo para viver o futuro. Sonhar é preciso.

O programa organiza a experiência para alcançar o que ultrapassa o conhecimento atual, a exemplo do que fazem os governos progressistas ao elaborar e implementar políticas públicas para combater a alienação e as desigualdades. As utopias concretas valorizam e energizam a cidadania e a democracia naquelas decisões de interesse nacional e popular. Quem vai, quem vem.

O princípio da liberdade é o alicerce. No filme *Spartacus*, de Stanley Kubrick, o pirata pergunta ao líder dos escravizados se sabe que a revolta está fadada ao fracasso. Espártaco responde: a luta dos escravos não se resume a melhorar sua condição. Mesmo todos massacrados, a insurreição não ocorre em vão. O ato terá

manifesto um compromisso incondicional com a emancipação, qual o heroico, imprescindível e desesperado Levante do Gueto de Varsóvia contra o nazifascismo na Segunda Guerra Mundial.

Com programa e princípios é possível se fechar em copas quando tudo se afigura perdido, e retomar o fôlego. Conforme o poeta espanhol Antonio Machado: "*Todo pasa y todo queda / pero lo nuestro es pasar, / pasar haciendo caminos, / caminos sobre la mar*. // *Caminante, no hay camino, / se hace camino al andar*". O amanhã é uma vereda indeterminada, onde os dias contribuem para montar um complexo mosaico do tempo e do espaço.

A realidade exige muita resiliência aos reveses do destino. "*A andar se hace camino / y al volver la vista atrás / se ve la senda que nunca / se ha de volver a pisar*". Vamos disputar as eleições de 2026 para avançar na direção de um socialismo participativo, democrático. Frente a desafios coletivos, a esperança celebra uma vida mais interessante na mente e no coração de cada mortal.

***Luiz Marques** é Docente de Ciência Política na UFRGS; ex-Secretário de Estado da Cultura no Rio Grande do Sul*

Compartilhe nas redes: